



Domingos de Pinho Brandão

Rossas (Arouca): 9 de janeiro de 1920;

Porto: 22 de agosto de 1988.

Figura proeminente da Igreja Católica, já que assumiu funções na Diocese de Fátima, como Bispo Auxiliar, transitando dali para a Diocese do Porto, também como Bispo Auxiliar. Amigo pessoal de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto e eminente figura da Igreja, de quem fora aluno, na década de 1930, beneficiando depois do seu acompanhamento nos estudos teológicos, tanto em Portugal, como depois em Roma, revelou-se, na opinião deste último, como homem de carácter sólido e de personalidade firme. Foram tais qualidades que explicam o desempenho de lugares de responsabilidade, desde logo como Reitor do Seminário Maior do Porto. No desempenho deste cargo, confirmou as capacidades já observadas por D. António Ferreira Gomes, que justificaram a dignidade episcopal que lhe foi depois concedida, sustentada por preparação cultural profunda, onde a Arqueologia deteve lugar importante. Também no ensino laico a sua magistratura foi relevante, tendo sido professor da Faculdade de Letras do Porto de Arqueologia, Epigrafia e Numismática, onde deixou discípulos.

Com efeito, embora se reconheça que Domingos de Pinho Brandão tenha sido sobretudo um sacerdote, conseguiu aliar tais responsabilidades com a investigação arqueológica e, de modo mais geral, com a difusão do Património e da Cultura. É no âmbito destas duas linhas de actuação que se compreendem, por um lado, a existência dos sucessivos Colóquios Portuenses de Arqueologia e, por outro, a criação do Museu de Arqueologia e Arte Sacra do Seminário Maior Porto, a par de outros Museus de natureza semelhante, que organizou ou de que foi depois Director, como foi o caso do Museu de Arouca.

Os cinco Colóquios Portuenses de Arqueologia realizados na década de 1960 (1961, 1962, 1964, 1965 e 1966) conheceram a edição de actas, através do Centro de Estudos Humanísticos, graças ao empenho de Domingos de Pinho Brandão, que assumiu sempre as funções de Presidente, aliás justificadamente, já que foi invariavelmente o principal animador de todas aquelas reuniões e o responsável pelas respectivas publicações, constituindo volumes próprios da revista *Lycerna*, editada pelo Centro de Estudos Humanísticos anexo à Universidade do Porto. Tais reuniões constituíram verdadeiros Congressos Nacionais de Arqueologia, colmatando a lacuna existente na sua realização, verificada entre o primeiro (1958) e o segundo (1970). Pela importância e diversidade científica dos trabalhos publicados, pode considerar-se Domingos de Pinho Brandão como verdadeiro benemérito e impulsor da Arqueologia portuguesa.

Acresce ainda a oportunidade que deste modo foi oferecida a muitos estudantes de Arqueologia, que ali tiveram a oportunidade de publicar os seus primeiros estudos, confrontando os resultados apresentados com a opinião de mestres tanto portugueses como estrangeiros, que ali compareciam regularmente, reflexo do prestígio científico atingido por tais reuniões. Do último Colóquio que foi organizado (o VI), em 1987, ainda Domingos de Pinho Brandão assumiu a Presidência, partilhando-a com o Prof. Doutor Armando Coelho. A publicação das actas deste derradeiro Colóquio, verificada apenas em 1993, mas ainda sob a égide do Centro de Estudos Humanísticos, já não foi em sua vida, fecunda de contributos arqueológicos, com destaque para os de epigrafia romana. Por tais contributos, mas sobretudo pela sua exemplar vida como sacerdote, foi muito justamente homenageado, com a publicação, em 1984, de um volume especial da revista *Lycerna*, através da qual tão justamente honrou e serviu a Arqueologia portuguesa.